

Prefácio

Carlos A. Lungarzo

Como citar: LUNGARZO, C. A. Prefácio. *In:* GONZALES, M. E. Q. *et al.* (org.). **Encontro com as ciências cognitivas.** Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997. p. i-v. DOI: <https://doi.org/10.36311/1997.978-85-60810-30-7.pi-v>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Este volume reúne, da maneira mais completa que nos foi possível, as comunicações, palestras e comentários apresentados no **Primeiro Encontro Brasileiro–Internacional de Ciências Cognitivas (EBICC95)**, celebrado no *campus* de Marília (SP) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), de 19 a 22 de novembro de 1995, sob a organização do Grupo *Estudos Cognitivos*, do Departamento de Filosofia deste *campus*.

Desde que a atividade científica fora sistematizada no Brasil (por meio de encontros, planos e projetos, institutos de pesquisa, criação de fundações, etc.), ou seja, desde o período de estabilização do pós-guerra (criação do CNPq, fundação de Centros de Pesquisa, criação da FAPESP etc.), o ambiente científico e os que são a ele assimiláveis, do ponto de vista do trabalho intelectual institucionalizado (humanidades, artes, tecnologia), registraram com bastante fidelidade as principais tendências e mudanças no âmbito mundial. De fato, independentemente dos critérios utilizados, todas as manifestações da ciência e a técnica se encontram representadas, desde a década de 60, por diversos eventos.

Por causa de sua extrema juventude, as chamadas *ciências cognitivas* (ou *ciência cognitiva*) só foram parcialmente divulgadas em encontros, escolas, oficinas e grupos de trabalho mais circunscritos ao âmbito nacional, mesmo que em muitos casos pesquisadores estrangeiros destacados tivessem sido convidados. Também é certo que, sendo as ciências cognitivas um complexo de diversas disciplinas articuladas ao redor de um programa comum, os tópicos por elas abrangidos foram muitas vezes apresentados em encontros separados, relativos a cada uma dessas disciplinas “componentes” (lingüística, inteligência artificial etc.)

Foi em 1994, por motivo de minha presença como pesquisador visitante no grupo Estudos Cognitivos da UNESP - Marília, que surgiu a idéia de organizar um encontro de ciências cognitivas sediado no Brasil, com infra-estrutura e organização fornecida por nossos colegas, mas incorporando os pesquisadores estrangeiros aos quais fosse materialmente possível convidar.

O intuito era mostrar um panorama do estado da arte das ciências cognitivas em seus principais “ramos” (lingüística, psicologia cognitiva, inteligência artificial, representação lógica etc.), oferecido por especialistas de diversos países, que

tivessem interesse em colaborar conosco, e achassem valioso poder estabelecer uma comunicação sistemática com seus colegas desta parte do planeta. O objetivo das reuniões seria apresentar comunicações com resultados de autores brasileiros e estrangeiros, organizar mesas redondas e palestras com estes pesquisadores, promover discussões produtivas sobre tópicos atuais, fornecer informação clara e útil aos nossos estudantes e ao público em geral, e colocar os alicerces de uma futura colaboração contínua com os colegas de outros países, ou então reforçar as já existentes.

Uma possibilidade pensada por alguns instantes foi propor nosso país como sede para algum dos encontros internacionais já consagrados. Mesmo antes de consultar meus colegas da UNESP, reparei nas dificuldades. No caso, por exemplo, do Colóquio Internacional de Ciências Cognitivas, geralmente celebrado na Espanha, as vantagens da Europa sobre nossa região eram manifestas: maior massa crítica de intelectuais, tarifas aéreas mais baixas, apoio institucional em larga escala. Ainda que experiências desse estilo tenham sido feitas em outras disciplinas, elas significaram arcar com enormes despesas com o deslocamento (e eventuais honorários) de figuras estrangeiras, assumir compromissos com temáticas e palestrantes nem sempre afins com nosso ambiente, e transformar um encontro modesto e produtivo num ato “colunável”, o que era contrário ao espírito de nossa equipe.

A outra alternativa era criar *nosso* próprio encontro internacional. Todavia, não podendo usurpar o nome de *Simpósio Internacional*, já utilizado na Europa, decidimos cunhar a expressão *Encontro Brasileiro-Internacional*, que refletia muito precisamente nossa proposta: reunir a maior quantidade possível de brasileiros que trabalhassem nas diversas áreas das Ciências Cognitivas, e, com base numa organização *doméstica* e quase familiar, convidar nossos colegas da Europa e América, na medida em que pudéssemos contar com uma colaboração estreita e fraternal, como sendo parte de um mesmo grupo.

Quando fiz esta sugestão a meus amigos de Marília, especialmente a Maria Eunice Quilici Gonzales e Cosme Damião Bastos Massi, com os quais minha relação de trabalho era mais próxima, fui recebido com o máximo entusiasmo e boa vontade, mesmo que todos estvéssemos cientes das graves dificuldades.

Com efeito, os primeiros passos concretos foram tomados em março de 1995, e o Encontro ocorreu em novembro. Devíamos lutar contra a falta de tempo, a

sobrecarga incrível de todos nós e dos outros colegas da Comissão Organizadora (Carmen Beatriz Milidoni, Elias Humberto Alves e Lauro Barbosa da Silveira, o coordenador da mesma), o orçamento ainda inexistente, e, especialmente, o fato de ser um grupo novo, sem influências, sem tradição nas agências financiadoras, enfim, só com “a cara e a coragem”.

Tínhamos, porém, uma vantagem, em relação a reuniões similares: o padrão de medida de sucesso era muito humilde. Por definição, o Encontro teria sido bem sucedido se conseguíssemos reunir um grupo, mesmo pequeno, de cientistas dos principais lugares “produtores” de ciência cognitiva, se pudéssemos interessar os nossos estudantes, e se nossos convidados pensassem que não éramos, no final das contas, tão ruins assim.

Tudo isso deu certo. Além de estarem representadas três regiões do país, tivemos convidados do Reino Unido, da Dinamarca, da Alemanha, dos Estados Unidos, da Itália e de outros países. Colegas e amigos dos Estados Unidos e da Finlândia manifestaram seu pesar por terem que cancelar suas visitas.

Confesso que até o último dia do Encontro, não tive clareza sobre os resultados dos esforços. Foi só depois de escutar várias opiniões de estrangeiros, e de receber mensagens eletrônicas de parabéns durante os dez dias seguintes, que percebi que não tínhamos feito feio. Diferentemente do que manda a tradição instaurada pelas elites intelectuais latino-americanas, especialmente em tópicos (considerados) próximos às humanidades, não tentamos criar um *fato cultural*. Foi só uma reunião de amigos e de trabalho. Nesse sentido, deu certo.

Como foi feito tudo?.

De enviar e receber cartas e telefonemas, a processar pedidos de dinheiro às agências, passando pela leitura das contribuições, tudo foi levado no entusiasmo e não na rotina. Em tudo fomos ajudados por todos, até por pessoas alheias totalmente à área. Houve quem desenhou logotipos, quem imprimiu cartazes, quem divertiu os convidados com sessões de dança, teatro e música. Tudo sempre olhando, primeiro, o calendário, e depois... o relógio.

Uma idéia original foi implementada por nossa amiga *Maria Eunice Quilici Gonzales*: contratar uma equipe de tradução simultânea, que conseguiu um ótimo desempenho, apesar do extremo tecnicismo de algumas falas, da variedade de sotaques e

da velocidade de alguns oradores. Mas o propósito era perfeito: se o Encontro deveria ser útil a todos os interessados, não podia estar restrito aos que falam e entendem inglês fluentemente, já que esta não era, por exemplo, a situação de nossos estudantes. Um hábito comum em congressos e *simposia* mais “populares” foi aplicado numa reunião claramente científica.

Duvido que muitos encontros, especialmente internacionais, tenham tido uma organização mais familiar e descontraída, baseada apenas no voluntarismo brasileiro “tem que dar certo!”.

Além do apoio geral da comunidade acadêmica (incluindo estudantes, artistas, grupos de amigos que cumpriram diversas funções), um elemento essencial do sucesso do Encontro foi o trabalho desenvolvido pelo núcleo de funcionários administrativos do *campus*, que transformaram uma utopia acadêmica numa realidade.

Conseguimos que a reunião tivesse um custo baixíssimo: menos de 30% da média do custo dos encontros *nacionais* em temas semelhantes, afastando assim o fantasma (particularmente persecutório para alguns de nós) do desperdiço do dinheiro público em atividades de interesse social restrito.

A ajuda da UNESP foi de grande importância, tanto nos aspectos financeiros quanto no fornecimento de infra-estrutura.

Impossível, porém, esquecer, os grandes protetores: CNPq e FAPESP. Apesar da urgência com a qual foram requeridos os recursos, estas instituições exemplares não hesitaram em arriscar. De passagem, quero manifestar também minha gratidão à CAPES, com cujos recursos estive completando meu estágio posterior à realização do Encontro, possibilitando, portanto, minha participação na edição deste volume.

Como responsável espiritual do projeto, desejo agradecer profundamente a todos os colegas da Comissão Organizadora, aos amigos da Comissão Científica, aos funcionários, estudantes e voluntários em geral, e às instituições envolvidas. Ora, como o espírito manifesta-se, geralmente, através do corpo, desejo dedicar uma lembrança especial ao responsável *material* do evento, o professor Lauro da Silveira, que assumiu a pesada tarefa da coordenação.

O leitor encontrará neste volume alguns detalhes que revelam defeitos

na idealização do evento. Embora me considere pessoalmente responsável por eles (por razões que seria complexo explicar agora), acho que a melhor autocrítica foi passar nossa experiência para os organizadores do Segundo Encontro.

Com efeito, no primeiro encontro houve certa *sub-representação de tópicos empíricos e resultados concretos*, e uma certa indecisão em relação a contribuições que, mesmo interessantes, eventualmente *não tinham o perfil característico de trabalhos na área*. Mesmo que três dos primeiros organizadores continuem na Comissão, nossa tocha foi passada para a equipe do Laboratório de Psicologia Cognitiva, da Universidade Estadual do Norte Fluminense.

Desejamos que haja um notório progresso, que possa ser mantido com taxa de qualidade crescente ao longo dos encontros que futuramente se realizem.

Diferentemente de Dante, eu não penso: *ai posteri l'ardua sentenza*.

Desejo que a posteridade faça as coisas com maior perfeição que nós, e não se perca o tempo lembrando da gente.

Carlos A. Lungarzo

(GEC – UNESP; GLTA – UNICAMP)